

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Rita de Cássia Rocha Martins

LITERATURA E ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA

Porto Alegre

2011



Rita de Cássia Rocha Martins

LITERATURA E ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de Grau de Licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela prof^ª. Dr^ª. Ingrid Nancy Sturm.

Porto Alegre

2011

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 DA DECODIFICAÇÃO À INTERPRETAÇÃO	7
2.1 LER E INTERPRETAR	7
2.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER.....	8
2.3 A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL	9
2.4 A PLURALIDADE DE SENTIDOS	11
3 A LITERATURA E O ENSINO.....	14
3.1 O DESAFIO DA DOCÊNCIA	14
3.2 PARA QUE ENSINAR LITERATURA?	17
3.3 O ESTÁGIO COMO FORMAÇÃO: DÚVIDAS E (IN)CERTEZAS	19
4 A PRÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA	21
4.1 DO ROMANTISMO AO REALISMO	21
4.2 SOBRE A OBRA ESCOLHIDA.....	22
4.3 BRÁS CUBAS E A TURMA 208	26
4.3.1 Observação	26
4.3.2 1ª aula	26
4.3.3 2ª aula.....	27
4.3.4 3ª aula.....	28
4.3.5 4ª aula.....	29
4.3.6 5ª aula.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O ensino nas escolas públicas brasileiras encontra-se distante do almejado. As políticas governamentais para a educação são, até certo ponto, interessantes, mas, frequentemente, não passam das boas intenções, haja vista a pouca articulação entre os Parâmetros Curriculares Nacionais e os programas de ensino nas escolas. O processo crescente de desvalorização do professor é um dos componentes que influencia fortemente na “crise” da educação. Reconhece-se a importância do professor na sociedade, porém não se valoriza sua condição como profissional. Isso, obviamente, se reflete de forma efetiva no ensino. Um ensino não comprometido com a formação crítica do aluno, mas que se satisfaz simplesmente com a transmissão de conhecimentos a fim de que o aluno comprove, por meio de provas, que “aprendeu” algo. Contudo, essa aprendizagem certamente não permanecerá como conhecimento para sua vida, ou porque o aluno não vê sentido para tais conteúdos na sua vida prática ou porque simplesmente os decorou, esquecendo-os em breve.

Essa trágica e incômoda verdade se deve a vários fatores. Dentre eles, professores e alunos desmotivados, cada vez mais suscetíveis a cair na rotina da sala de aula, onde o professor dá sua aula, há anos preparada, e o aluno recebe tudo, apático, incapaz de ter uma participação mais ativa no processo de aprendizagem.

Infelizmente, os professores, de forma geral, encontram-se cada vez mais desmotivados para o trabalho na sala de aula. Salários baixos, péssimas condições de trabalho, alunos mal educados, pais que parecem se importar pouco com os filhos, etc. Os problemas são muitos e bem conhecidos.

Em relação ao ensino de literatura, sabemos que a leitura literária e a escola seguem, frequentemente, caminhos opostos. O trabalho do professor desmotivado, no que tange à literatura, não causa um mal apenas imediato, mas cria, em longo prazo, um distanciamento cada vez maior do aluno com a leitura. Além disso, os professores de língua portuguesa e literatura têm ainda de “concorrer” com outras mídias, especialmente aquelas que têm relação direta com a imagem. O professor se vê, de certa forma, constrangido a também trazer outros “textos” para a sala de aula, o que ocasiona muitas vezes o abandono do texto literário *strictu sensu*. Por isso é preciso buscar alternativas capazes de despertar no aluno o prazer pela leitura, e essa tarefa exige do professor muita dedicação e conscientização de seu papel na formação desse leitor.

Ao longo de toda graduação nesta Universidade tivemos muitas oportunidades para discutir sobre a difícil tarefa de ser professor, sobre o papel desse profissional na sociedade. Mas com certeza é somente com a prática que realmente vivenciamos essa condição tão importante, e ao mesmo tempo tão complicada, a de ser educador. Trata-se, muitas vezes, de algo paradoxal, pois não deveria ser difícil ensinar a nossos alunos os conhecimentos que adquirimos. Assumir uma tarefa para a qual nos dedicamos nos anos da graduação não deveria nos deixar tão inseguros, afinal, fomos preparados para ela.

Dificuldades, incertezas e inseguranças podem aumentar dependendo de nossas vivências, como por exemplo, o estágio. Deparamo-nos com realidades muito diferentes, com objetivos diferentes. É no estágio, muitas vezes, o primeiro contato que temos com o aluno. É nessa hora que colocamos em prática tudo que aprendemos e acreditamos sobre o que é ensinar. E como bem salienta Paulo Freire (1996, p.25), mais do que nunca temos a certeza de que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Este trabalho busca refletir aspectos dessa relação, tomando como ponto de partida minha experiência de estágio, na disciplina *Estágio de Docência em Português II*, realizado em uma escola pública de Ensino Médio, com uma turma de 2º ano. A Escola Estadual de Ensino Médio Ildefonso Simões Lopes fica na cidade de Osório e é, a meu ver, uma escola exemplo para as demais instituições estaduais. Exigências quanto a horário, formação de professores e qualidade no ensino contribuem para que a escola seja vista como a mais preparada da região, para atender aos alunos que almejam ao vestibular. O que, frente ao atual descrédito da escola pública, pode-se ser considerado bastante positivo.

Minhas observações e regência aconteceram no segundo semestre de 2010, com a orientação do professor Arcanjo Pedro Briggmann. A temática do estágio estava voltada para o Realismo, mais especificamente, para a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Essa escolha deve-se ao fato de que se trata de uma obra de grande importância para a nossa literatura, já que foi o marco do Realismo no Brasil, inovando em vários aspectos a arte do escrever. Além disso, seu teor crítico, irônico e por vezes cômico também foram características decisivas para a escolha desse livro.

O planejamento do estágio foi pensado com o intuito de incitar o aluno a uma reflexão sobre a vida, a hipocrisia, a ambição, a falsidade, temas tão presentes na obra e na vida real, além de mostrar o quanto Machado foi brilhante, antecipando e marcando de forma inquestionável a literatura brasileira.

Em relação ao ensino da literatura na escola, as pesquisas mais recentes sobre leitura literária entre os professores de língua portuguesa e literatura indicam não só que os professores leem pouco, como também que eles têm grande dificuldade para trabalhar o texto literário em sala de aula. De acordo com Brandão, Evangelista e Machado (2006), dentre os fatos alegados pelos professores, destaca-se a grande aversão do aluno à leitura. No entanto, é possível também creditar essa falta do gosto pelo ato de ler à dificuldade do próprio professor para trabalhar o texto literário.

Para tentar sanar esse problema e tornar a obra literária em um objeto significativo na sala de aula, é necessário que o professor atente para a sua própria formação teórica e pedagógica, buscando caminhos e orientações que possam conduzi-lo na prática, possibilitando assim um ensino eficiente e motivador.

Apresentar obras literárias apenas para seguir cronogramas de conteúdo é, no mínimo, negar a importância de tais obras para a história, para a formação da sociedade e até mesmo para a formação da cultura. É preciso explorar ao máximo tanto a obra, quanto a capacidade leitora e crítica do aluno. Buscar significados e incitar o aluno a interpretá-los associando sempre com suas vivências, experiências e, se possível, com leituras já realizadas. Afinal, como afirma Paulo Freire (1987), ler signos, decifrar códigos, exige antes a experiência social de fazer uma “leitura” do mundo.

Diferentemente de muitos colegas de estágio, conforme pude constatar durante os relatos feitos por eles, minha experiência em sala de aula foi bastante positiva, pois pude contar com alunos com objetivos bem determinados – quase todos com intuito de prestar o vestibular da UFRGS

A seguir, apresento, por meio de alguns autores, aspectos importantes para a compreensão de questões teóricas a respeito da leitura e da leitura literária. Em seguida, discuto algumas questões que envolvem o ensino da literatura, isto é, a relação entre aluno, obra literária e professor. E ao final, apresento o relato e uma avaliação a respeito do trabalho que desenvolvi no Estágio.

2 DA DECODIFICAÇÃO À INTERPRETAÇÃO

2.1 LER E INTERPRETAR

Melo (2004) afirma que aparentemente a leitura se localiza apenas no âmbito da recepção, quando há a decodificação da mensagem, ou seja, quando o leitor “decifra significados implícitos em sinais conhecidos”, mas destaca que a leitura assume um papel bem mais amplo na comunicação social que a simples decifração da escrita.

Ao tratar das condições sociais da leitura, Soares (2004) examina aspectos relativos ao ato de ler. Nesse texto, a autora se pergunta se a leitura afasta o leitor do mundo, se ela é um ato solitário, e em seguida afirma que não, a leitura é interação verbal entre indivíduos: o leitor e o autor, ambos com diferentes bagagens de vivências sociais e experiências de outras leituras.

A esse respeito, Marcuschi (2004) faz uma reflexão sobre as quatro habilidades comunicativas: falar, escrever, ouvir e ler. Para ele, as atividades que envolvem a fala e a escrita consistem no uso produtivo e criativo da língua, com os quais se pode transmitir o saber. Destaca também que, diferentemente do que podemos pensar, o ouvir e o ler não são atividades meramente reprodutivas e/ou passivas da língua. Trata-se de habilidades igualmente importantes e cada uma a seu modo representa uma ação ativa, produtiva e criativa.

Compartilhando do mesmo pensamento, Britto (2004, p. 84) salienta que a leitura “é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”. E acrescenta que a “leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída” e que, além disso, “a leitura é ato de posicionamento político diante do mundo”.

De forma geral, entender a leitura como uma atividade que *significa*, que produz sentidos, é uma perspectiva corrente nos estudos discursivos sobre a leitura, em variadas

áreas. Orlandi (2004, p. 58) delinea essa concepção de forma bastante competente¹. Para ela, a compreensão dos processos de significação passa necessariamente pelo leitor. Orlandi afirma que, além do autor, quem lê também produz sentidos a partir do texto, sendo que “o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem *sócio-históricas*”.

As palavras desses autores deixam patente a importância do papel do leitor na construção dos sentidos do texto. Essa relevância, que não deveria ser desconhecida para os professores de língua portuguesa e literatura, aponta para a necessidade de conhecimentos prévios que o professor deve ter sobre a história de vida e de leitura de seus alunos.

2.2 A IMPORTÂNCIA DE LER

Para Soares (2004), o fato de vivermos numa cultura grafocêntrica exacerba a importância da leitura. Segundo a autora, o acesso à leitura no Brasil pode ser considerado bom:

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação (p. 19).

Sem dúvida temos uma cultura que valoriza muito a leitura; na mídia escutamos propagandas incentivando o brasileiro a criar o hábito de ler. Contudo, essa valorização não corresponde a uma prática efetiva (há, inclusive, aqueles que se orgulham de nunca terem pegado um livro), e esses motivos são muito variados (falta de tempo, dinheiro, etc..).

Em meio a tantas campanhas pela leitura, tantas possibilidades de acesso ao livro na escola, por que tamanha estranheza com o livro? Por que ouvimos com tanta frequência de nossos alunos a frase “Eu não gosto de ler”? Isso sem falar naqueles que, mesmo nunca tendo lido, dizem que não gostam de ler. Somos, pelo fato de defender e solicitar a leitura, muitas vezes, “odiados” pelos alunos.

¹ Essa ideia é, na verdade, uma das concepções fundadoras da Análise do Discurso francesa, a qual a autora se filia.

Outra questão contraditória ao valor que se dá à leitura é o número significativo de analfabetos funcionais. Por vezes esse problema nos parece uma realidade distante e rara, no entanto há muitas pessoas que apenas conseguem decifrar códigos linguísticos, mas não são capazes de atribuir sentido a uma sequência deles. E essa não é uma realidade incomum. Mário Perini (2004, p.79) refere-se a essa incapacidade como *uma verdade incômoda* e destaca que a escola não está conseguindo alterar e vencer o “desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela”. Em seguida, o autor salienta:

[...] sabemos que a maneira de se aprender a ler funcionalmente é ler. Não há, que me conste, procedimentos de sala de aula (exercícios, por exemplo) que possam substituir com eficácia, ou mesmo complementar, a experiência direta da leitura. Em outras palavras, a leitura funcional nascerá do convívio com o material escrito adequado, e somente dele (p. 81).

Partilhando da mesma concepção de muitos pesquisadores, Liberato (2006) ressalta:

[...] *só se aprende a ler lendo*. Em outras palavras, o processo de leitura envolve o uso de estratégias que o leitor só adquire e automatiza com a experiência da leitura. Daí decorre que é preciso ler muito para se tornar um leitor eficiente. Naturalmente estamos considerando aqui a leitura funcional, ou seja, aquela em que o leitor não apenas reconhece e decodifica sinais escritos, mas, além disso, procura construir um sentido coerente para o texto. A leitura funcional é aquela em que há compreensão (p.224)

Mais adiante discutiremos sobre a importância da leitura na escola; não deve ser somente em sala de aula o contato do aluno com o texto, mas é no estabelecimento de ensino que ele deve ser assistido e desafiado a ingressar no mundo da literatura.

2.3 A LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

A leitura é considerada como prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa a relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo. Como atividade cultural, a leitura estimula os de novos conhecimentos, as experiências, as opiniões, e claro, a imaginação.

Para reforçar a importância que tem a leitura na educação de jovens e adultos, é preciso considerar, conforme Belmiro (2006), que:

A ativação do processo interlocutivo com o texto literário deve ser proposto como construção do conhecimento, sinalizando um sujeito que se reconhece em múltiplas dimensões e que organiza seu campo simbólico através do alargamento do mundo de referências que ele constitui e é por esse mundo constituído (p. 127).

Em seus livros, Paulo Freire reflete sobre o que é o ensinar. Para ele, trata-se de um processo de constante troca entre professor e aluno, já que ambos aprendem e também ensinam, havendo assim, crescimento como seres humanos.

Para isso, o professor precisa ter consciência de que não é detentor de todo conhecimento que interessa ao aluno, mas deve levar em consideração as vivências do educando, suas necessidades e, principalmente, sua realidade, tendo em mente que essas experiências também serão de grande aprendizagem para esse educador. Segundo Freire (1996, p.23), ensinar é algo profundo e dinâmico e a questão cultural do aluno é essencial à “prática educativa progressista”.

Para amparar e orientar o trabalho do professor, há um documento elaborado pelo Estado do Rio Grande do Sul, os Referenciais Curriculares, publicado em 2009. Esses referenciais norteiam os objetivos e os caminhos a serem percorridos pelos profissionais da educação na sala de aula. No entanto, esse documento não é realmente adotado, na prática, pelos professores.

Os Referenciais Curriculares destacam que “leitura é interação”, e que esse ato estabelece um diálogo entre sujeitos históricos. Com essa prática é possível compreender que todo texto tem um autor e que por traz das palavras existe um ponto de vista, uma opinião determinada por um contexto histórico. Além disso, a prática da leitura visa a uma reação e a uma posição diante do texto, como se pode ler:

A literatura é exercício de liberdade que se constitui através da linguagem e responde a demandas subjetivas que proporcionam, a um só tempo, satisfação pessoal e conhecimento de mundo. Também estimula a interação com o meio social, possuindo o potencial de transformá-lo, uma vez que desenvolve o senso crítico e a capacidade de refletir a respeito da realidade (p. 83).

Como podemos perceber, as teorias que fundamentam os Referenciais Curriculares são coerentes com o comprometimento que o ensino deve ter na formação do indivíduo.

Contudo, essas importantes e significativas orientações, muitas vezes, não chegam ao conhecimento do professor. Esse documento fica guardado nas prateleiras das escolas e não são examinados com devida atenção, deixando, assim, de cumprir-se o real objetivo do ensino.

2.4 A PLURALIDADE DE SENTIDOS

A questão do sentido na interpretação textual já foi vista de várias maneiras do ponto de vista teórico: partindo-se de posição mais extremada como “qualquer sentido é possível” até as teorias do formalismo e do estruturalismo que atribuíam ao texto uma fórmula fechada e imutável.

Para Marcuschi (2004), que tem o ponto de vista do linguista, estabelecer os limites entre o que seja “compreensão” e “interpretação” textuais não é tarefa fácil. O autor se pergunta:

[...] se compreender textos é um ato criativo, quais os seus limites? Por um lado, os limites são dados pela própria base textual que exige pelo menos a preservação da verdade e da falsidade das informações ali presentes. Por outro, o limite depende das estratégias do autor/falante ao codificar suas informações e intenções. O aspecto meramente gramatical e contextual nem sempre é orientador (p. 47).

Assim como Orlandi (2004), que diz que não é somente o autor que significa o texto, como vimos anteriormente, Belmiro (2006) também credita ao leitor a atribuição de sentido:

Assim podemos entender que o leitor, mais que destinatário dos enunciados produzidos por alguém, é a outra face que recupera o autor para com ele dialogar em circunstâncias sempre singulares, uma vez que nunca são as mesmas situações comunicativas, e o leitor está acrescentando e alargando seus processos de compreensão de mundo (p. 122).

O texto literário abre ao leitor inúmeras possibilidades de interpretação. Para isso, esse leitor deve se valer de todo um aparato de informações, de experiências, de leituras, enfim, de conhecimentos prévios importantíssimos para a compreensão do texto.

Walty (2006), refletindo sobre o ensino da literatura na escola, regras e rituais de leitura, diz:

[...] se o que caracteriza o texto dado como literário é justamente sua polissemia, suas lacunas a serem preenchidas pelo leitor, mesmo quando se tenta guiar esse leitor em seu ato de leitura, sentidos se formam que escapam ao controle do mediador de leitura. A literatura é uma das produções sociais onde o imaginário tem espaço de circulação garantido. E é lá que, ao lado das regras, encontra-se a possibilidade de transgressão rumo à utopia (p. 53).

Ainda sobre essa questão, Liberato (2006) considera a leitura uma interação entre o texto e o leitor, ou seja, entre o que o leitor capta do texto e o que ele tem como conhecimento prévio em sua memória. O conhecimento armazenado em sua memória consiste no conhecimento da estrutura da língua, nas suas crenças, nos conhecimentos científicos, nas relações sociais, na bagagem de leitura, etc. Dessa forma, afirma que não existe um único sentido para o texto, mas vários sentidos podem ser atribuídos a ele, desde que se respeitem certos limites impostos pelo próprio texto.

Vera Aguiar (2006, p. 235) ao tratar da leitura literária e a escola, adverte que o “livro não se coloca num templo, acima e além do leitor, como objeto intocável, sagrado e detentor de uma verdade acabada e inquestionável, que se constrói por si mesma”. E em seguida acrescenta que o ato de ler:

[...] ocorre como movimento ativo do leitor sobre o texto, que se apresenta como estrutura esquemática, com indicações, pontos de indeterminação e vazios a serem preenchidos. De posse das pistas fornecidas pela obra e apoiado em sua experiência, o sujeito arranja os dados, completa os espaços em branco e constrói totalidades de sentidos. Não há, portanto, literatura sem leitor e o texto nunca é o mesmo, porque provoca de modo diferente cada leitor (p. 241-2).

Ainda nessa perspectiva, diz que nem mesmo um único leitor faz a mesma leitura duas vezes. Destaca que, por ser simbólica, a obra literária permite leituras plurais pelas possibilidades de combinações dos signos. Além disso, o leitor agrega à leitura sempre algo novo, alguma experiência ou leitura nova que traz novo sentido ao texto já lido. Para determinar melhor o sentido do que quer dizer, a autora utiliza a metáfora do jogo:

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as conseqüências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Essa consciência do brinquedo que a arte é leva-nos a experimentar o prazer de entrar em seu jogo (p. 254).

Esse trecho retrata perfeitamente a função da literatura; revela também a sua importância e o lugar que deve assumir no ensino. Se nos entregarmos ao prazer da leitura, entraremos nesse jogo, e conscientes disso, assumiremos o papel de viajantes, mesmo sem sair do lugar.

3 A LITERATURA E O ENSINO

3.1 O DESAFIO DA DOCÊNCIA

A criança, desde as primeiras séries, vai se ambientando ao universo do texto. Se não encontrar um espaço propício, irão se formando atitudes desfavoráveis à leitura. As experiências negativas vivenciadas pela criança fazem com que ela fuja de outras oportunidades de leitura, deixando assim de descobrir o quanto o texto pode ser importante e útil, para a escola e para vida.

Soares (2006) discute a situação da escolarização no ensino de literatura infantil e juvenil:

[...] não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes: o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de ‘saberes escolares’, que se corporificam e se formalizam em currículos, matérias e disciplinas, programas, metodologias, tudo isso exigido pela invenção, responsável pela criação da escola, de um *espaço* de ensino e de um *tempo* de aprendizagem (p. 20).

E acrescenta a seguir que não se pode atribuir conotação pejorativa a essa escolarização inevitável e necessária e nem negá-la ou criticá-la, pois isso seria negar a própria escola. E finaliza:

Consideramos como *escolarização da literatura infantil* a apropriação dessa literatura pela escola, para atender a seus fins formadores e educativos. [...] Defendemos que essa escolarização é inevitável, porque é da essência da escola a instituição de saberes escolares, que se constituem pela didatização ou pedagogização de conhecimentos e práticas culturais (p. 47).

A respeito do ensino de literatura, Walty (2006) destaca o papel fundamental da escola que tem, de fato, condições reais de contribuir para a formação do leitor.

[...] mas não um leitor obediente que preenche devidamente fichas de livros ou reproduz com propriedade enunciados textuais. Mas o leitor que, instigado pelo texto, produz sentidos, dialoga com o texto que lê, seus intertextos e seu contexto, ativando sua biblioteca interna, jamais em repouso. Um leitor que, paradoxalmente, é capaz de se safar até mesmo das camisas de força impostas pela escola e pela

sociedade, na medida que produz sentidos que fogem ao controle inerente à leitura e à sua metodologia (p. 52).

A autora compartilha o mesmo pensamento de Soares. Segundo ela, não é condenável a escolarização da literatura, mas a *inadequada escolarização* da literatura que afasta o aluno do texto literário, criando entre eles um abismo. E destaca que essa relação escola – literatura *pode ser fecunda e estimulante*:

[...] não há porque temer as regras ou os rituais, condenando-os a *priori*. Antes importa conhecê-los, lidar com eles, para, se necessário, subvertê-los. Não há porque temer a escola e o uso que faz da literatura, mesmo porque a própria literatura não é inocente. Por outro lado, muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário. Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos. A literatura deve circular na escola, pois urge formar um leitor sensível e crítico, que perceba o sentido do ritual, faça parte dele sem se submeter cegamente (p. 54).

Nesses trechos a autora levanta a questão tão mencionada nos Referenciais Curriculares, ou seja, a formação do leitor questionador, crítico e capaz de realmente interpretar e dar sentido ao texto que lê.

É inegável a importância do professor como mediador na formação de leitores, ao estimular a leitura em sala de aula. O professor de português tem dificuldade em trabalhar com textos literários e a escolha desses textos pode influenciar diretamente no resultado do trabalho a ser desenvolvido. Belmiro (2006) lembra que, por vezes, a desmotivação do aluno pela leitura não se deve às dificuldades de decifração do código linguístico ou pela falta de conhecimentos prévios para leitura, mas sim à inabilidade do professor em selecionar os textos.

A respeito do papel do professor de literatura, Liberato (2006) pontua que é imprescindível que o professor leve em consideração os alunos que tem em sala de aula, seus interesses, suas expectativas e suas vivências. Fatores esses fundamentais para que ocorra a leitura que realmente *acrescenta*, que ensina, aquela capaz de despertar o senso crítico:

O texto legível foi definido como aquele que permite ao leitor usar maximamente o seu conhecimento prévio; seja dispensando-o de processar parte da informação fornecida pelo texto – o que torna a leitura mais rápida e, assim mais eficiente; seja tornando possível a construção de pontes de sentidos – inferências – necessárias à compreensão do texto (p. 223).

Em relação à legibilidade do texto literário é importante que o professor jamais subestime seus alunos facilitando essas leituras ou mesmo privando-os de textos mais longos, mais complexos, de autores renomados ou de obras inteiras. Machado de Assis, por exemplo, é pouco lido nas escolas porque se criou o mito de que seus textos são de difícil compreensão, quando na realidade o que se exige é um comprometimento com a leitura, que o aluno seja capaz de ler não de forma rasa, superficial, mas de buscar sentidos, de interpretar.

Silva e Zilberman (2004) destacam que a transformação do ensino da literatura só ocorrerá “quando e se os professores assumirem, *como sujeitos*, o desafio da prática, do cotidiano das salas de aula, dos livros, das situações de leitura” e “quando encararem o desafio de ensinar a ler e a gostar de ler” (p. 111).

Marisa Lajolo (2004) diz que as teorias da literatura têm contribuído pouco para as teorias e práticas de leitura, mas influenciado muito. Sua influência na leitura escolar “traduz-se, por exemplo, em inspirar roteiros ou atividades de leitura, a serem executados em classe, sob a batuta de um professor que via de regra desconhece a paternidade ilustre das atividades que desenvolve em suas salas” (p. 92).

O ensino de literatura nas escolas restringe-se basicamente a aulas expositivas, fundamentadas em livros didáticos que trazem a ordem cronológica, contextos históricos que exploram as características de cada época, enumeram obras importantes e, às vezes, um breve resumo da obra considerada mais importante. Raramente a obra literária é explorada em sala de aula.

Leal (2006) aborda a leitura e a formação de professores, destacando que o professor precisa estabelecer, ao exigir do aluno uma atividade, suas metas e objetivos com a leitura, o porquê e o que espera dela. Assim, o aluno busca sentido na atividade proposta, não havendo o que a autora chama de “vazio pedagógico”. O aluno necessita dessa orientação para que a atividade tenha um sentido

Liberato (2006) refletindo sobre compreensão e interpretação, fala sobre dois estágios de leitura; no primeiro, busca-se atribuir um sentido ao texto; e no segundo, procura-se fazer uma análise crítica a esse sentido já encontrado. Não se trata, alerta a autora, de relações independentes e isoladas, mas concomitantes. Ao ler um texto, seja para fazer um resumo ou para criticar, estabelecemos sentidos para ele, pois é impossível falar de algo ou criticar algo sem que haja compreensão. E ressalta que “o estágio de leitura a que a escola

deve levar o aluno é aquele em que ele atua como sujeito que reflete e avalia, ou seja, o estágio da chamada *leitura crítica*” (p. 225).

Orlandi (2004) afirma que “o sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende” (p.74).

Sendo assim, o desafio da escola é, portanto, assumir esse papel de real formador de sujeitos pensantes. Transformar alunos em adultos capazes de se posicionar diante das situações e não simplesmente aceitar o que lê de forma pacata e apática. Para isso, é necessário que o professor ensine e exija do aluno uma interpretação, ou seja, um posicionamento diante da leitura para que ele possa de forma crítica expor suas opiniões.

3.2 PARA QUE ENSINAR LITERATURA?

Sobre a importância do ensino da literatura na escola e a contribuição que ela traz ao estudante, os Referenciais Curriculares afirmam que a literatura “contribui para a formação da pessoa, favorece a socialização por meio de textos que tratam dos modos como as diferentes gerações têm valorizado a atividade humana através da linguagem” (p. 83). Além disso, destaca a importância da literatura para a formação linguística do leitor.

De acordo com os referido documento, no Ensino Fundamental o intuito da literatura é basicamente a formação de um leitor “seduzindo-o para o registro escrito e para a fruição do texto” (p. 83). Sendo assim, a escola deve proporcionar a leitura e o professor tem um importante papel de mediador nessa formação leitora:

O professor deve ser um bom guia de leituras, mediador e intérprete, propiciar que os alunos leiam com ele e através dele, possibilitar a convivência com a fantasia, abrir caminhos de legitimação da leitura como prática social e favorecer a todos tornarem-se cidadãos da cultura escrita (p. 83).

Já no Ensino Médio, a literatura tem outro papel, “considerando um estágio mais consolidado da formação do leitor” (p. 84); seu principal objetivo é apresentar e ampliar o conhecimento sobre a literatura brasileira.

O estudo da literatura no ensino médio também desenvolve conhecimentos e competências que habilitam à reflexão a respeito da língua como objeto de cultura, patrimônio da sociedade, capaz de dar acesso a um capital cultural comum a todo o país (p. 84).

Contudo, a educação, principalmente o ensino de literatura, vive uma trágica realidade, pois muitos professores deixam de ensinar aos seus alunos a literatura, ou pior, a ensinam apenas passando dados, listas de obras, não estimulando no aluno a curiosidade para buscar além da aula, para ir atrás das obras referidas no trabalho do professor. A esse respeito, Brandão, Evangelista e Machado (2006) afirmam:

Distorções de todo tipo têm sido operadas em função não somente do processo de recontextualização, mas também da representação que se tem de crianças e jovens em relação aos seus respectivos processos cognitivos e estéticos. No campo das produções sobre literatura, estudos de obras clássicas e de estilos de época, centradas em classificações, abordagens estruturais, provas e fichas ‘de livro’, atividades com objetivos estritamente informativos e formativos; no campo de produções de literatura, adaptações redutoras, simplificações de obras, coleções com narrativas segundo fórmulas que mercadologicamente funcionam, com banalizações de linguagem e de temática, em detrimento da experiência estética ou ética do leitor com o próprio bem simbólico, em sua origem ou em sua essência literária (p.13).

De um lado estão os alunos dizendo que tais obras são difíceis de serem lidas, que não os estimulam (são “chatas”, por exemplo), de outro, os professores, falando que os jovens não gostam de ler, que acham tudo bobagens.

São muitas as questões que o ensino de literatura pode suscitar, como por exemplo, qual é a sua função diante da realidade e de que forma podemos inseri-la na educação? A justificativa mais contundente é a de que a presença do texto literário surge da necessidade de conhecimento, por parte do aluno, da história da literatura nacional, sua tradição e membros mais ilustres. O estímulo à leitura e ao desenvolvimento de hábitos de leitura e o gosto de ler são alguns motivos que fortalecem e asseguraram o lugar da literatura no ensino da língua portuguesa.

O professor precisa mostrar que a literatura tem algo a dizer. Em qualquer momento do processo de ensino-aprendizagem em que se encontre o aluno, o professor deve se dedicar a conquistá-lo para o prazer da leitura, pois como se sabe, a leitura é um ato cultural e o leitor um ser cultural. A relação entre ambos – aluno e literatura – se concretiza, se desprende de conceituações preconcebidas e entrega-se à avaliação de outras formas de pensar o mundo, integrando-as ao seu acervo cognitivo como dados a serem selecionados em circunstâncias que os exijam.

3.3 O ESTÁGIO COMO FORMAÇÃO: DÚVIDAS E (IN)CERTEZAS

A formação docente é um complexo processo de associação entre prática e teoria, a fim de transformar o ensino tornando-o mais significativo. Complexo porque nos deparamos, como já dito antes, com realidades distintas, conflitos e interesses, individualidades, etc.

Dessa forma, é fato que educar não é tarefa simples, ensinar o aluno a compreender do conteúdo e ainda fazê-lo se tornar um crítico perante as situações da vida, é compromisso árduo que exige do professor mais do que o saber de sua disciplina. Segundo Freire (1996), ensinar requer aceitar os riscos do novo, rejeitando qualquer forma de discriminação e, ainda, estar ciente de que se faz parte de um processo inconcluso. Há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la e isso não é algo que se aprenda hoje e que se possa colocar em prática no dia seguinte.

É necessário um contato com a realidade e é o estágio, então, instrumento fundamental no processo de formação docente, período em que de fato aprendemos e colocamos em prática tudo aquilo que aprendemos durante nossa formação..

Desse modo, a prática de estágio permite que a informação teórica seja analisada e discutida a partir das observações trazidas. Assim é possível que o futuro professor observe e descubra em sala de aula, elementos teóricos, presentes ou não, refletindo sobre essa teoria e sua aplicação.

O estágio analisado neste trabalho, como já dito, foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Ildefonso Simões Lopes, mais conhecida como Escola Rural, localizada no município de Osório. Oferece atualmente os cursos de Ensino Médio, Curso Técnico em Agropecuária, em regime de internato e passou a oferecer também o Curso Técnico em Meio Ambiente.

A estrutura física da escola possui salas ambientes, para as quais os alunos é que se deslocam. Se para o professor isso é bom, pois tem sua sala e todo seu material a mão, por outro lado, causa certo transtorno, pois alguns alunos se dispersam pelos corredores durante a troca de período; possui também laboratório de informática, de ciências, sala de vídeo e *data*

show. A biblioteca tem um espaço amplo e um bom acervo de livros de literatura e de pesquisas.

Em relação aos professores, é uma escola preocupada com a efetiva formação pedagógica dos docentes; trabalho nessa escola hoje como professora de língua espanhola e percebo que há por parte da direção, e principalmente, por parte do setor de supervisão e orientação escolar, uma constante preocupação em auxiliar os professores no preparo das aulas, além de incentivar encontros pedagógicos entre professores da mesma área. E para isso, e ao contrário do que se possa pensar, nessa escola, diferentemente do que acontece em outras instituições de ensino, as reuniões realmente são úteis e proveitosas. Isso se deve, acredito, a vários motivos: a professores comprometidos com o ensino, a alunos diferenciados (em seus objetivos de vida) que exigem do professor competência e organização, e também à equipe da supervisão que dá suporte ao professor e se empenha em oferecer encontros e discussões produtivas.

A prática foi realizada com uma turma de 2º ano do ensino médio, turma 208. O grupo era formado por 30 alunos em média e a titular das disciplinas de Português e Literatura da turma era a professora Cristiane.

A escola é muito bonita, fica ao pé do morro de Osório, tendo uma vista privilegiada. É uma escola muito bem conceituada na cidade, sendo que a maioria dos seus alunos visa ao vestibular e são muito exigentes quanto ao ensino. A clientela, em sua maioria é de classe média e muitos vêm de outros municípios; segundo o próprio diretor, a escola recebe, em média 17 vans de estudantes de regiões vizinhas.

Foi nesta escola que fiz meu ensino médio e posso dizer, por experiência própria, que o ensino é realmente muito bom. Voltei como estagiária e também como professora de língua espanhola dos terceiros anos do ensino médio.

A seguir, passo a relatar a minha prática propriamente dita, desenvolvendo as temáticas do estágio.

4 A PRÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA

4.1 DO ROMANTISMO AO REALISMO

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houver de mau na sociedade (Eça de Queiroz, *Notas contemporâneas*).

Na segunda metade do século XIX, a literatura romântica entrou em declínio, junto com seus ideais. Os escritores e poetas realistas começam a falar da realidade social e dos principais problemas e conflitos do ser humano. De fato, as profundas transformações vividas pela sociedade européia exigiam uma nova postura diante da realidade; não havia mais espaço para as exageradas idealizações românticas. O escritor não deveria mais expressar sua subjetividade, como antes fizera no Romantismo. As teorias filosóficas da época apresentam um caráter materialista. Passaram a analisar o mundo a partir da observação dos fatos. Essa concepção filosófica era muito adequada a uma sociedade que valorizava os bens materiais e para a qual a espiritualidade, o misticismo, a religião ficavam em segundo plano. A principal doutrina filosófica do período é o “positivismo”, que considera válido apenas o conhecimento do mundo que esteja baseado em fatos e na experiência concreta.

Como características desta fase, podemos citar: objetivismo, linguagem popular, trama psicológica, valorização de personagens inspirados na realidade, uso de cenas cotidianas, crítica social e visão irônica da realidade.

No Brasil, considera-se 1881 como ano inaugural do Realismo. Neste ano, a literatura brasileira contou com publicações de romances importantes que modificaram parâmetros e padrões na escrita e na linguagem. Trata-se de uma narrativa mais preocupada com a análise psicológica, fazendo a crítica à sociedade a partir do comportamento de determinados personagens. Esses personagens são capitalistas e geralmente pertencentes à classe dominante.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908) filho de Francisco José de Assis, de cor parda, e Maria Leopoldina Machado, portuguesa, é um dos autores dessa época e é considerado um dos mais importantes nomes da literatura brasileira.

Tornou-se um grande e renomado romancista: pela originalidade, pela profunda análise psicológica, pela extraordinária capacidade em caracterizar os personagens, pelo estilo sóbrio e conciso, pela linguagem adequada a cada gênero literário já que cultivou quase todos, destacando-se principalmente como ficcionista.

Machado de Assis é considerado um dos melhores escritores realistas do mundo. Segundo Bosi (s.d.) “o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis” (p. 193). Seus romances realistas têm as seguintes características: o gosto pela análise e investigação dos gostos do comportamento humano; suas fraquezas: egoísmo, falsidade, traição, vaidade, orgulho, hipocrisia; visão da realidade. Em suas obras, o autor deixa transparecer seu pessimismo, sua ironia e certo humorismo.

Machado de Assis é também considerado mestre na narrativa curta. Seus contos trazem profundas observações psicológicas, personagens bem construídos e principalmente, enfoca uma parcela da sociedade, com seus dramas e valores. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país.

É um autor irônico, pessimista e crítico. São temas predominantes em suas obras: o adultério, o parasitismo social, a confusão entre a razão e loucura, o egoísmo, a vaidade, o interesse, a hipocrisia, o domínio dos corruptos sobre os puros.

4.2 SOBRE A OBRA ESCOLHIDA

Memórias póstumas de Brás Cubas é considerado divisor de águas na carreira de Machado de Assis. Inaugura o Realismo brasileiro e apresenta as mais radicais experimentações na prosa do país até então, introduzindo o romance psicológico na literatura brasileira. De acordo com Alfredo Bosi (s.d.):

Memórias Póstumas de Bras Cubas opera um salto qualitativo na Literatura brasileira. A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga,

Machado deixou imergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás cubas (p. 197).

Uma das mais populares obras do autor, o romance foi publicado originalmente como folhetim, em 1880, em capítulos. Em 1881, saiu em livro causando espanto à crítica da época; os críticos se perguntavam se o livro era de fato um romance, pois a obra, extremamente era extremamente ousada do ponto de vista formal.

É narrada em primeira pessoa pelo defunto Brás Cubas, que em tom irônico e sarcástico, descreve sua biografia a partir do túmulo, sendo portanto, segundo o próprio, não um autor-defunto, mas um defunto-autor; diz ser um morto que virou autor e não um autor que acabou morrendo e como morto que se tornou autor, insinua fazer sua narração sem interesses e imparcialmente, já que se libertou dos olhares dos outros, das disputas sociais e não precisa se preocupar em agradar ninguém:

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesse, a luta das cobiças obriga a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos que faz à consciência; (...) Mas na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade! Como a gente pode sacudir a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte (...). Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados (p. 103-104)².

Começa suas memórias com uma dedicatória que antecipa o humor negro e a ironia presente em toda a obra referindo-se “ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”.

O romance apresenta a vida inútil e desperdiçada de Brás Cubas, e através dele e de suas atitudes, Machado nos mostra a precariedade da espécie humana.

Brás Cubas conta a história de sua vida a partir de sua morte. Primeiro conta sobre seus últimos dias, sua morte e enterro (em que comparecem onze pessoas). Conta também sobre uma idéia fixa que teve, de inventar um medicamento anti-hipocondríaco, que curasse a mania de doenças das pessoas e que lhe traria fama, o Emplasto Brás Cubas.

² Todas as citações da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* foram extraídas de Machado de Assis, 2009.

Depois, narra sua vida cronologicamente desde o nascimento, batizado, infância e juventude. Após sua morte, sem vergonha e livre de toda a hipocrisia humana, expõem suas paixões, romances e desilusões. Conta que ele, sua irmã e o cunhado disputaram a herança de seu pai, e conta também seu romance proibido com a ex-noiva (que por ambição se casara com Lobo Neves); começa a freqüentar a casa deles e torna-se amante dela.

Fala de seu amigo Quincas Borba, que era um mendigo e que recebe uma herança. Com ares de filósofo, Quincas Borba cria a teoria do Humanitismo, para defender a ideia de que tudo o que acontece na vida faz parte de um quadro maior de preservação da essência humana, e essa teoria convém a Brás Cubas para justificar sua existência vazia. O narrador revê sua vida após a própria morte e faz um inventário de seus fracassos.

Brás Cubas conta a sua história através de uma postura irônica, o que exige que leiamos o romance percebendo o avesso das palavras nele escritas. Assim, podemos descobrir a forma pela qual esconde a verdade de uma trajetória inglória, dando-lhe sempre um tom de superioridade, criando uma espécie de “jogo” com o leitor. Esta ironia é uma característica constante do romance e é através dessa figura que o autor desmascara a hipocrisia e a dissimulação dos personagens. Há um segundo sentido em relação à aparência, que se revela aos poucos, e é pelos detalhes que o leitor vai percebendo, como nos trechos: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” (p. 89) e “Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei” (p. 55).

O humor e o pessimismo também estão presentes na obra de Machado. No capítulo intitulado “Das negativas”, podemos perceber claramente a visão pessimista do narrador quanto à natureza humana:

Este último capítulo é o das negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto. Não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte da Dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria (p. 243).

Outra característica marcante na obra de Machado é o diálogo com o leitor. Foi a obra brasileira que melhor ilustrou a tendência do “leitor incluso”. O narrador refere-se a ele de diversas maneiras, “fino leitor”, “leitor pacato”, e até mesmo chega a antecipar as reações desse leitor:

Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... (p. 159)

Nesse trecho, como em vários outros, o narrador dirige-se ao leitor de um modo sarcástico e até agressivo. Fala das expectativas do leitor e sobre a sua própria linguagem, acentuando as diferenças entre ambas. O leitor da época estava acostumado com o folhetim romântico e agora era exigido dele uma leitura mais pausada e mais crítica, não preocupada com a mera sucessão de fatos, mas atenta aos pequenos detalhes que compõem a narrativa machadiana. Nesta obra, Machado insiste na leitura mais realista, fornecendo ao leitor as pistas para que ele leia no romance não apenas a história de alguém que está morto, mas a tragédia do homem diante de si mesmo e que ainda não consegue se olhar com honestidade.

Outra inovação desta obra para a época diz respeito à forma. Utilizando recursos narrativos, gráficos inusitados e quebrando a linearidade do enredo, Machado surpreende o leitor. Há trechos, como nos capítulos LV (*O velho diálogo de Adão e Eva*) e CXXXIX (*De como não fui ministro*) que trazem fragmentação, sinais de pontuação, deixando o leitor completar os espaços vazios.

Desse modo, críticos e teóricos são unânimes ao afirmar que Machado de Assis é um dos mais importantes escritores (senão o melhor) de toda nossa história literária. Machado foi o mais ousado dos escritores brasileiros da sua época; está à frente de seu tempo, já que antecipa de forma brilhante técnicas modernistas e eleva a literatura brasileira a um patamar jamais antes atingido.

4.3 BRÁS CUBAS E A TURMA 208

4.3.1 Observação

Conversei com a professora sobre a turma, falou muito bem dos alunos, que eram dispostos e que a maioria contribuía e participava das aulas. Haviam trabalhado o Romantismo e estavam já no Realismo. Ao chegar à sala de aula – como mencionado antes, a escola oferece salas ambientes – pude-la repleta de cartazes e trabalhos de alunos, não só da turma 208, mas também de outras turmas. Fui muito bem recepcionada, alguns já me conheciam dos corredores, sabiam que eu era a professora de espanhol dos terceiros anos e por esse motivo ficaram curiosos para saber o que eu faria ali. Então, para acalmá-los a professora me apresentou e disse que faria meu estágio de literatura com eles.

A turma realmente era muito boa, muito acessível, participativa e disciplinada. Como já dito, estavam concluindo justamente o conteúdo que eu pretendia trabalhar com eles – o Realismo. Percebi que teria a chance de fazer um bom trabalho já que meu objetivo era, além de apresentar essa obra realista, levantar questões de teor crítico, proporcionar discussões sobre as temáticas do texto (ambição, desonestidade, hipocrisia, traição), aproximando esses temas da realidade dos alunos para que minha intervenção pudesse ser significativa para eles.

Estava muito ansiosa para começar e ver tudo dando certo, todo meu planejamento colocado em prática e da forma que pensei. Esta necessidade de ver o meu desejo na prática, a angústia de ser aceita e de que as atividades propostas serem coerentes e pertinentes para a turma foram sentimentos que me acompanharam durante todo o estágio.

4.3.2 1ª aula

Essa aula tinha por objetivo fazer uma retomada de conteúdos, para que os alunos reconhecessem as principais diferenças entre o Romantismo e o Realismo, fazendo assim comparações; também relembrar a vida e a obra de Machado de Assis.

Foi distribuída aos alunos uma folha com um resumo sobre o Realismo, contendo contexto histórico e principais características (Anexo A). O texto foi lido pela turma silenciosamente e depois cada aluno leu um trecho; íamos discutindo cada parte, esclarecendo dúvidas. Logo após, os levei para a sala de vídeo e passei no *data show* um pequeno desenho animado sobre a vida e a obra de Machado de Assis (Anexo B).

Discutimos sobre temas recorrentes nos textos de Machado como amor, traição, hipocrisia e conversamos sobre as obras do autor e sobre sua importância para a Literatura Brasileira. Realmente a turma era boa e a maioria demonstrava interesse, alguns não somente prestando atenção, mas inclusive fazendo comentários sobre outras obras lidas. Perguntei a eles se tinham lido essa obra, alguns me responderam que sim, e outros que não. Sugeri, então, que lessem a obra para a próxima aula, já que não teríamos tempo de ler todo o livro em sala de aula.

É importante deixar claro que nessa aula discutimos sobre datas, contexto histórico, características do Romantismo e do Realismo e seus autores, porém sem o intuito de que os alunos decorassem tais dados, mas a fim de esclarecer e contrapor esses períodos históricos para que os alunos realmente compreendessem as mudanças e o que acarretaram na história da sociedade brasileira.

4.3.3 2ª aula

Pretendia nessa aula apresentar aos alunos a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, já que nem todos a haviam lido. Discutir sua importância para a literatura brasileira e suas características, tão marcantes e inovadoras para a época. Além disso, queria explorar a leitura em sala de aula, o que às vezes é visto como “matação” de aula não só por parte dos alunos, mas também por parte dos pais. Com isso poderíamos estabelecer discussões, trocar ideias, esclarecer dúvidas e tecer comentários sobre o livro e nossas experiências, e claro, aproximá-lo à vida real, pensando nas atitudes da sociedade atual.

Para introduzir o livro resolvi passar um *trailer* sobre ele no *data show* (Anexo C); o vídeo traz um resumo da obra retratando cenas e transcrevendo trechos do texto de Machado. Selecionei alguns capítulos do livro e distribuí para que lêssemos e discutíssemos em sala de aula (Anexo D).

Essa leitura em grupo foi bastante produtiva, já que juntos conseguimos analisar e discutir os trechos lidos, destacando as características presentes na obra como a ironia, a crítica, a análise psicológica, o diálogo com o leitor e a inovação quanto à forma.

Como modo de revisão, montamos um quadro com as características do Romantismo em contraposição às características do Realismo. Logo após fizemos questões de interpretação sobre a obra (Anexo E). Mais uma vez pude contar com o interesse e a participação do grupo que contribuiu respondendo e tecendo comentários pertinentes às questões trabalhadas.

Uma aluna em especial demonstrou interesse, era nítido que gostava de ler e havia participado de forma significativa enquanto discutíamos trechos da obra. Ficou conversando comigo após a aula e disse que já havia lido o livro, mas que não havia observado a maioria dos temas que abordamos, que depois da releitura, alguns trechos passaram a fazer mais sentido. Destaquei que para ler e compreender Machado é preciso ler nas “entrelinhas”, temos que antes saber que ele se utiliza muito de ironia para criticar a sociedade burguesa da época. É necessário ativar outras leituras e conhecimentos para perceber as artimanhas que estão por trás das palavras do autor. Ficamos por alguns minutos discutindo não só sobre a obra de Machado, que ela, assim como os demais colegas, via como um autor de difícil leitura, mas sobre outras obras que ela havia lido, não só por causa da escola, mas também já pensando no vestibular.

4.3.4 3ª aula

Após a leitura e a discussão de trechos do livro realizados com êxito na aula anterior, resolvi trabalhar com eles outro tipo de “texto”. É importante trabalhar e explorar o que temos de bom em outras mídias, já que isso agrada tanto aos alunos, embora para alguns, isso também seja “matação” de aula.

Achei interessante trabalhar a obra em versão cinematográfica para que os alunos pudessem estabelecer relações sobre a transposição da obra literária para o cinema. O filme baseado na obra de Machado de Assis, que a meu ver foi muito bem adaptado para o cinema, não perdendo o teor crítico, irônico, e trazendo personagens e cenas engraçadas. Além disso, a forma que encontraram para inserir Brás Cubas-defunto, contando sua trajetória foi muito adequada.

Assim, queria promover momentos de discussão, estabelecendo comparações entre os fragmentos da obra lidos, analisados e discutidos na aula anterior, já que o filme é bastante fiel ao livro, inclusive reproduzindo trechos e diálogos originais do texto escrito.

Os alunos, de modo geral, foram receptivos ao filme, demonstrando interesse pela sequência dos fatos. Gostaram da maneira como a obra foi transposta para o cinema, não perdendo a fidelidade, mantendo o tom irônico e, por vezes, cômico do texto original. Conseguiram fazer associações entre as duas obras e perceber críticas e ironias presentes no filme fazendo relação com o livro.

4.3.5 4ª aula

Nessa aula achei válido trabalhar outro gênero literário que a meu ver é de fácil aceitação dos alunos, por ser mais curto do que um romance. Levei para trabalhar com eles o conto *A morta* de Guy de Maupassant a fim de estabelecer uma análise comparativa com a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Os Referenciais Curriculares apontam o texto como objeto de estudo e a importância de ler textos de gêneros diferentes a fim de que o aluno reaja diante deles, tomando uma postura crítica. Leal (2006) ao discutir sobre a formação de professores destaca ser de extrema importância que o professor apresente aos alunos diferentes tipos de textos, como por exemplo, textos publicitários, desenhos, charges. Essa diversidade permite que o aluno faça *links* e, como destaca a autora “é importante para o aluno poder perceber a flexibilidade da linguagem, e que o texto não é uma estrutura fechada” (p. 267).

Distribuí o conto a eles (Anexo F) e falei brevemente sobre o autor, um escritor francês, contemporâneo a Machado e um dos melhores contistas de todos os tempos. O caráter fantástico e o sobrenatural são temas predominantes em sua obra. O conto *A morta* foi publicado em 1887, data próxima à publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

O professor nunca deve exigir uma leitura em voz alta do aluno sem antes deixá-lo ler o texto silenciosamente para tomar conhecimento de pausas e palavras que possam o surpreender. Porém, adverti que não deixaria que eles fizessem essa leitura prévia para que não se perdesse a surpresa do final. Pedi para que alguns alunos se dispusessem a ler o conto,

calmamente, respeitando a pontuação e a entonação, pois assim ficaria mais interessante a leitura.

Mais uma vez demonstraram serem alunos dedicados e não encontrei maiores dificuldades em arranjar voluntários para realizar a leitura em voz alta. Felizmente e, mais uma vez comprovando serem alunos especiais, todos leram de forma que contribuiu para a boa compreensão do texto, sem grandes tropeços na leitura, mesmo sem terem feito uma leitura prévia, fizeram a entonação adequada, interpretando muito bem as falas do personagem, dando ao texto ares de declamação, e era exatamente isso que eu esperava para dar ao texto mais emoção e dramatização.

Os alunos gostaram bastante do conto ficando surpresos com o desfecho. A partir daí tecemos uma análise comparativa entre as obras.

Discutimos que as duas obras apresentam um caráter fantástico, a ideia de que os mortos saem de suas tumbas para reescrever suas verdadeiras ações e de que o morto conta sua vida, também relatando seus sentimentos e atitudes inapropriadas perante a sociedade, são situações realmente ficcionais. Esta foi a maneira que Machado e Maupassant encontraram, de forma irônica e, até mesmo engraçada, de criticar uma sociedade hipócrita, ambiciosa, vaidosa e egoísta.

Outra característica que eles perceberam foi que ambas exploram o tema da infidelidade e da dissimulação. É interessante a linguagem e a maneira com que os autores fazem uma denúncia de uma sociedade hipócrita, em que tudo o que se pode observar é o interesse material e a mentira influenciando a vida das pessoas. Por meio de ironias e humor eles tornam suas obras uma reflexão sobre a existência humana. E por fim, os dois autores demonstram uma descrença no ser humano ao apresentar finais negativos.

O objetivo da aula foi alcançado, confesso que de maneira satisfatória, já que os alunos perceberam todas essas características comuns às obras. A ideia de trazer um texto curto e de temática similar à obra de Machado acredito ter sido uma interessante estratégia para mostrar aos alunos que podemos fazer associações entre diferentes obras, percebendo e destacando características, interpretando, compreendendo a fim de estabelecer tais relações de semelhança.

4.3.6 5ª aula

Nessa aula pretendia que os alunos produzissem um texto. Como a obra literária trabalhada trata de uma análise após a morte, de reflexões de atitudes e situações vividas e por vezes condenadas, resolvi apresentar a eles outro tipo de texto, a canção *Epitáfio* do grupo Titãs, pois na canção há uma análise sobre a vida, na qual o narrador apresenta certo arrependimento por suas atitudes em diferentes momentos na sua trajetória. A partir disso, promover uma reflexão sobre a vida, afinal não é por serem jovens, que devem manter uma atitude acrítica diante dos dilemas que temos de enfrentar e dos valores que temos de construir; enfim, a juventude não deveria nos impedir de analisar e atribuir prioridades à vida para que mais tarde não haja arrependimentos e condenações por termos feito ou deixado de fazer algo.

Para dar conta da atividade de produzir um texto a partir da reflexão sobre a música, trabalhei com eles o conceito de paródia e paráfrase (Anexo G). Discutimos sobre esses conceitos e logo após apresentei minha proposta de produção textual.

Formaram grupos e distribuí a letra da música a eles (Anexo H) e coloquei a canção. (Anexo I). Como já conheciam a música cantaram enquanto esta tocava.

Acompanhei a produção dos trabalhos, orientando sempre que solicitada. Durante a elaboração dos textos, os alunos demonstraram interesse e motivação. Discutiam entre eles e, por vezes, até riam de suas ideias.

Para finalizar o trabalho, um representante de cada grupo foi até a frente e leu o texto produzido (Anexo J). Foi um momento muito significativo, pois os alunos foram receptivos e se envolveram bastante na atividade. Os textos produzidos traziam uma boa dose de humor e alguns alunos, inclusive, chegaram a ler a produção no ritmo da música original.

A apresentação das produções textuais resumiu e fechou minha prática com chave de ouro. A utilização da música serviu para encerrar toda uma reflexão sobre a existência humana; seja o mau comportamento que temos em muitas situações da vida ou até mesmo momentos bons que deixamos de aproveitar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se entendermos a literatura como visão de mundo, prática social, invenção a partir de uma realidade concreta com a palavra trabalhada, um dos objetivos de seu ensino é fazer surgir ou aperfeiçoar o espírito crítico do estudante, em relação ao mundo real. Foi com esse intuito que desenvolvi meu estágio: incitar ao aluno através do texto literário a pensar e fazer associações com outras leituras e, principalmente, com a própria vida.

Sempre gostei de temas referentes ao sobrenatural e encontrei na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* não só um tema que me interessasse, mas também questões que vão muito além da ficção, de ter um defunto contando sua história, proezas e peripécias, revelando uma sociedade hipócrita, ambiciosa, dissimulada, enfim, temas atemporais, que servem como base para reflexões sociais e até mesmo filosóficas.

Pensando dessa forma – que os alunos também pudessem gostar de temas sobrenaturais – resolvi trabalhar *Memórias póstumas de Brás Cubas* a fim de explorar questões como a ironia do autor, o teor crítico do texto machadiano e porque não, de certa forma, fazê-los repensar a própria vida aproximando tal obra para sua realidade.

Procurei diversificar meu trabalho em sala de aula, para que minha prática fosse mais produtiva. Trabalhei com vídeos, conto e música a fim de mostrar ao aluno que se pode atribuir relações mesmo com obras de diferentes gêneros.

Antes de entrar em sala de aula, confesso que me senti um pouco insegura. Já leciono na escola, porém com outra disciplina e com outras turmas; mas ao conhecer o grupo pude ver o quanto eles eram receptíveis, disciplinados e interessados, e assim fiquei mais tranqüila.

Em relação à prática docente, acredito ter atingido meus objetivos. Minha preocupação em promover aulas diferenciadas e desenvolver discussões críticas resultou numa experiência positiva. A escolha de um tema considerado atemporal e possível de aproximação com a realidade também foi importante para a aceitação de minha proposta de trabalho por parte dos alunos.

E é claro que a participação, a dedicação e a disciplina da turma também foram determinantes para o sucesso de minha prática de ensino; um grupo disposto e participativo motiva qualquer professor.

Conseguimos juntos fazer várias reflexões, não só sobre os textos trabalhados, mas também sobre questões relacionadas às atitudes do ser humano. A professora foi sempre solícita e disposta a me ajudar caso fosse necessário me dando sempre autonomia para desenvolver minhas atividades. Todas as propostas foram aceitas e tive liberdade para executar meu trabalho.

O estágio foi uma etapa essencial para meu aperfeiçoamento, a experiência foi bastante prazerosa e enriquecedora. O que me entristece é que a maioria dos meus colegas da disciplina de *Estágio de Docência em Português II* não teve uma experiência positiva e muitos depois do estágio desistem de trabalhar em sala de aula.

Acredito que consegui aliar à minha prática toda a teoria discutida na graduação com vistas a buscar um ensino mais significativo. Para isso, é preciso que nós, professores de língua portuguesa e literatura estejamos certos de que ensinar literatura é, além de incitar ao aluno a pensar criticamente, ensinar a sonhar de olhos abertos. Ensinar literatura é ensinar a mágica fórmula de viajar por mundos desconhecidos, inexistentes, irrealis, sem sair do lugar, apenas com o livro nas mãos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português: língua, literatura, produção de texto**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2005.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 235- 256

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre, RS: L&M, 2009.

BELMIRO, Celia Abicalil. Aleitura na educação de jovens e adultos. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 117-128.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, s.d.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 77-92.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZAGA, Sergius. **Manual de Literatura Brasileira**. 14^a Ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p. 87-99.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Leitura e formação de professores. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 263-268..

LIBERATO, Yara Goulart. Perguntas de “compreensão” e “interpretação” e o aprendizado da leitura. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina;

MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 233-234.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p. 38-57.

MAUPASSANT, Guy de. A Morta. In: **Contos fantásticos: O Horla e outras histórias**. Porto Alegre: L&M, 2008.

MELO, José Marques de. Comunicação social: da leitura à leitura crítica. In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p. 100-110.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. v. 1.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p. 58-77.

PERINI, Mário A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p.78-86.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Secretaria da Educação**. – Porto Alegre: SE/DP, 2009. v.1.

SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. . In: SILVA, Ezequiel T. da & ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo. Ática, 2004, p. 18-29.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.17-48.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: anti-lições. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 49-58.

<<http://www.youtube.com/watch?v=jbZy49mc5Ks>> acessado em 30 de julho de 2010.

<<http://www.youtube.com/watch?v=5ZiZ5I8wjU>> acessado em 10 de julho de 2010.

ANEXOS